

## VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO DE COIMBRA 360 ANOS DEDICADOS AOS POBRES E DESFAVORECIDOS

(Conferência proferida na sessão realizada sob o mesmo tema em 4 de Outubro de 2019 na sede da Ordem Terceira de S. Francisco).

**1. Estar aqui**, neste dia e para este programa, é uma obrigação que honrosamente cumpro como (ainda) Presidente da Direção da Família Franciscana Portuguesa. De facto, a celebração dos 360 anos de fundação da Venerável Ordem Terceira de São Francisco desta cidade de Coimbra (onde vivi três preciosos anos da minha vida de jovem frade capuchinho) é um acontecimento que faz parte da vida não só desta Venerável Ordem Terceira mas de toda a **Família Franciscana em Portugal** e enche de saudável orgulho tanto esta venerável Ordem como as restantes ordens, institutos e congregações que constituem a grande Família de que faz parte, a Família Franciscana Portuguesa.

**2.** Nesta Família temos um pai, o nosso **Pai São Francisco de Assis**. Além de pai, é também irmão e modelo. Esta sessão pública, para além do seu carácter histórico e cultural, traz-nos também esta presença carismática, de renovação e liberdade evangélica, tão querida ao nosso papa Francisco, perante uma Igreja a precisar de purificação e renovação e um mundo a urgir que se dê passos reais de maior humanização e fraternidade universal. Evocamos, hoje e aqui, “360 anos dedicados aos pobres e desfavorecidos” e a dedicação de tantos irmãos e irmãs que professaram o ideal evangélico do *poverello* de Assis, e tão bem o traduziram no serviço a todos, sobretudo em favor dos mais desfavorecidos.

**3.** Permiti que **desenvolva um pouco esta ideia do serviço**. Mais que uma ideia, é exigência da nossa vocação franciscana e da nossa condição de *menoridade*, enquanto discípulos-missionários de Jesus, ao jeito do seu *servo* Francisco, que quis ser o *Irmão Menor*. De facto, temos sempre necessidade de avivar em nós esta exigência da nossa vocação franciscana porque, ainda mais quando há estruturas a manter, corremos o sério risco de *administrar como patrões* em vez de *servir como menores* e submissos a todos.

Continuando com Francisco, esta consciência do *ser servo* e do *servir*, remonta aos inícios da sua conversão, algum tempo após a experiência amarga da derrota, e consequente prisão, na batalha entre Perúsia e Assis. Conta-nos Tomás de Celano:

“Pouco tempo depois, com efeito, teve a visão de um magnífico palácio onde pôde ver toda a espécie de armas e uma noiva belíssima. No sonho, uma voz chama-o pelo seu nome e tenta seduzi-lo com a promessa de todos aqueles bens. Na mira de participar em lances de guerra, procura alistar-se numa expedição à Apúlia e, com enorme espanto, faz os preparativos necessários, na esperança de em breve ser armado cavaleiro. O espírito mundano de que estava ainda possuído sugeria-lhe uma interpretação mundana da visão, quando nos arcanos da sabedoria de Deus uma outra se escondia, mais excelente ainda.

Certa noite, estando a dormir, pela segunda vez ouve alguém perguntar-lhe afetuosamente para onde tenciona ir.

E como ele expusesse os seus planos e dissesse que ia para a Apúlia combater, insistiu a voz em perguntar-lhe:

- «De quem tens mais a esperar, do servo ou do senhor?
- Do senhor, respondeu Francisco.
- E porque então corres atrás do servo, em vez de servires o senhor?

- Que queres então que eu faça, Senhor?
- Volta à terra que te viu nascer, que eu farei se cumpra espiritualmente a visão que tiveste».

Já exemplarmente obediente, para lá abalou sem mais detença, (...) trocou as armaduras mundanas pelas espirituais e, em lugar da glória de ser cavaleiro, recebeu uma divina investidura.

Aos muitos que se surpreendiam com a sua invulgar alegria, respondia que havia de ser ainda um grande príncipe.”<sup>1</sup>

À interpretação mundana da visão, que leva Francisco a querer prosseguir no seu desejo de ser armado cavaleiro e realizar os sonhos de riqueza, honra e poder, sucede-se um tempo de verdadeiro discernimento do que Deus quer e do que pode dar a verdadeira alegria e felicidade. Francisco sabe que é do senhor que tem mais a esperar, mas a sedução de todos aqueles bens da visão, estava a levá-lo na onda, como também nos leva hoje a nós. Foi preciso um trabalho aturado de discernimento, isto é, de verdadeira escuta da voz de Deus: “Que queres então que eu faça, Senhor?”. Voltar à terra que o viu nascer, voltar atrás nos sonhos de riqueza e poder, é a condição e a exigência para entrar no sentido espiritual da visão. O mesmo convite nos é feito a nós, e muito particularmente aos irmãos e irmãs desta Venerável Ordem passados 360 anos da sua fundação: voltar a Assis, aos inícios do nosso ser em Deus e a partir de Deus, do nosso seguimento de Cristo e a partir de Cristo, da nossa consagração a Deus e dedicação aos Irmãos, na fidelidade criativa ao carisma que fomos chamados a abraçar.

A verdadeira resposta à pergunta, feita a Francisco e a nós, deve levar-nos, antes de mais, e necessariamente, à questão de fundo da nossa relação com Deus e com os outros e à consciência de que somos servos e não senhores. Dependemos radicalmente de Deus, pois somos criaturas, por Ele criados, obra das suas mãos. Vivemos fraternalmente a nossa relação uns com os outros, pois somos irmãos e irmãs, nunca como senhores do outro, mas ao serviço uns dos outros. Servo é a nossa condição radical, enquanto totalmente dependentes de Deus, o único Senhor, por quem e para quem tudo foi criado.

Os relatos bíblicos da criação atestam de uma forma tão poética quanto verdadeira esta nossa condição radical. Mas também nos dizem quão difícil foi aceitar esta dependência radical do Criador, colocando-se no Seu lugar. A partir do momento em que o homem quis ocupar o senhorio de Deus, assistimos à tirania do mal, da vida sem Deus ou mesmo contra Ele, como uma bola de neve que vai crescendo sempre mais. Voltando as costas a Deus, começa a desarmonia entre irmãos, o homem torna-se lobo para o homem, no dizer da sentença latina *homo homini lupus*, criada por Plauto. Assim aconteceu entre Caim e Abel, e continua a acontecer ainda hoje em tantas situações de violência. Poderá acontecer até dentro das nossas fraternidades e instituições, de muitas maneiras e de modo muito particular naquilo que o Papa Francisco chamou de *terrorismo da bisbilhotice* ou também *dos mexericos*.

Quando não é Deus o senhor a quem servimos, o dono da nossa vida, ou o tesouro que procuramos, facilmente caímos naquilo que o Papa Francisco chama de *mundanismo espiritual*, que se esconde por detrás de aparências de religiosidade e até mesmo de amor à Igreja<sup>2</sup>. Cair no mudanismo espiritual é, segundo o Papa, buscar, em vez da glória do Senhor, a glória humana e o bem-estar pessoal (...). É uma maneira subtil de procurar

<sup>1</sup> 2 Cel 6

<sup>2</sup> Cf. *Evangelii gaudium* nn.93-97.

«os próprios interesses, não os interesses de Jesus Cristo» (*Fl* 2, 21). Este mundanismo pode manifestar-se de muitas maneiras, desde um cuidado exibicionista da liturgia à atração pelas dinâmicas de auto-estima e de realização autoreferencial; pode apresentar-se como uma densa vida social cheia de viagens, reuniões, jantares, refeições, ou então desdobrar-se num funcionalismo empresarial, carregado de estatísticas, planificações e avaliações. Já não há ardor evangélico, mas o gozo espúrio duma autocomplacência egocêntrica.»

Quando pretendemos substituir-nos a Deus, colocando-nos como senhores no lugar d’Ele, facilmente podemos cair noutro perigo de que o Papa Francisco tem falado muito, a chamada auto-referencialidade. Aos bispos da Argentina Francisco recordou que «a enfermidade típica da Igreja fechada em si mesma é a auto-referencialidade; olhar-se a si mesma, é uma espécie de narcisismo que nos conduz à mundanidade espiritual». É uma advertência forte e que deve ser levada muito a sério na Igreja e por todos, individualmente e institucionalmente. Para nós só Jesus *é o Senhor*. Ele e só Ele é o Centro e deve estar no centro. Nós, exorta o papa, devemos ser descentrados, e nunca no centro. Quando nos descentramos, reencontramo-nos com o amor de Deus, que se converte em amizade feliz. E, afirma o Papa na Exortação *Evangelii Gaudium*, neste reencontro «é que somos resgatados da nossa consciência isolada e da auto-referencialidade. Chegamos a ser plenamente humanos, quando somos mais do que humanos, quando permitimos a Deus que nos conduza para além de nós mesmos a fim de alcançarmos o nosso ser mais verdadeiro.»<sup>3</sup>

Francisco de Assis, mais do que ninguém, compreendeu bem o primado de Deus. Irmanado com todas as criaturas (é bom lembrá-lo neste último dia do “Tempo da Criação”!) louva o *Altíssimo, Onnipotente e Bom Senhor*, ao qual se deve dar graças e servir com grande humildade. Renunciando aos sonhos de conquistar honras, riquezas e grandezas, coloca-se na condição de servo, de menor, própria de quem está abaixo de todos e ao serviço de todos. E, paradoxalmente, foi assim que descobriu e experimentou o caminho da felicidade, da bem-aventurança, como está bem patente em muitas das suas Exortações que começam com a expressão «Bem-aventurado o servo que...».

Não é aqui o caso de estudar a fundo estas Exortações de Francisco. Mas não vem fora de contexto destacar que Francisco, ao usar a expressão «Bem-aventurado o servo que...», contraria a ideia que habitualmente se tem de que ser servo é uma condição que nega a possibilidade do bem e da realização plena da pessoa. E assim será, se ficarmos na condição da pessoa socialmente reduzida à servidão, à escravidão. Certamente não é dessa condição que fala Francisco nas exortações, nas quais quis apontar caminhos espirituais que conduzem à felicidade e à bem-aventurança, e que passam necessariamente pela condição do servo, mas do “servo” que se faz pobre e necessitado para cuidar dos outros. Para Francisco, só esta opção pode libertar o ser humano do mal, fonte de tristeza e amargura, representado pelo desejo de poder e de domínio.

Das muitas passagens em que Francisco utiliza o termo servo, bastará concentrar-se apenas em três, que deixam bem clara a proposta cristã de Francisco, entendida como dom gratuito de si no serviço aos outros<sup>4</sup>:

---

<sup>3</sup> *Evangelii gaudium* n.8.

<sup>4</sup> Com Pietro Maranesi, OFMCap, vamos deter-nos um pouco neste conjunto de Exortações de São Francisco de Assis (cf. “*Dichoso el siervo que...*”. *Sobre las Admoniciones de fray Francisco*. Selecciones de Franciscanismo, nº 134, 2016, pp.251-291).

A primeira é a experiência do *serviço entre os leprosos: o servo ditoso*. O tempo passado a servir os leprosos constitui para Francisco o elemento fundante da sua identidade de homem cristão: ali descobre, em particular, a nova lógica na qual a vida se liberta da rivalidade e do poder e se caracteriza, ao contrário, pelo dom da “misericórdia” (“*com eles usei de misericórdia*”); ali descobriu que para viver em plenitude e para alcançar a doçura, é necessário despir-se das vestes do poder e revestir-se das do servo. Acontece, antes de tudo, um deslocamento desde a cidade de Assis à planície (periferia?!), onde vivem os leprosos. Dá-se um movimento descendente, que o coloca em situação de pobreza e necessidade própria dos leprosos. Depois, esta situação leva-o à opção pessoal de serviço marcado pela misericórdia. Ao contrário das nossas opções de serviço aos pobres, que a maior parte das vezes tomamos “desde cima”, como patrões, Francisco, entrando na mesma condição dos leprosos através do despojamento da sua condição de rico, decide entregar-se para responder às necessidades descobertas e abraçadas entre os leprosos. A expressão que usa é muito significativa e evangélica: “*com eles usei de misericórdia*”. Converte-se num servo manso, humilde de coração, por isso capaz de relações baseadas na misericórdia, permitindo-lhes serem seus senhores. De facto, Francisco colocou-se entre os leprosos na condição de servo. E descobriu que esse é o caminho para a vida. Deixando a lógica do poderoso e do vencedor e abraçando a da misericórdia, experimentou a doçura da vida, que se encontra no momento em que esta se entrega, oferecendo-a com misericórdia e gratuidade.

A segunda é a proposta aos frades: *servos e ministros lavando os pés*. A experiência entre os leprosos converte-se em critério organizativo da vida entre os frades, cujas relações se estruturam a partir da categoria evangélica do servo. Verifica-se isto em duas séries de textos sobre a identidade dos frades: no que toca às relações fraternas e no que toca à sua atividade no mundo. No que toca às relações fraternas, temos, antes de mais, o capítulo X da *Regra bulada*, dedicado à vida dentro da fraternidade: trata da questão fundamental de superar uma visão piramidal das relações, para instaurar relações circulares centradas no serviço recíproco. A autoridade dentro da fraternidade é exercida como fazem os servos aos seus senhores, estando atentos às dificuldades e problemas dos irmãos:

“E os ministros acolham-nos (...) com tanta familiaridade, que os irmãos possam falar-lhes (...) como os senhores com os seus servos; pois assim deve ser, que os ministros sejam servos de todos os irmãos”.<sup>5</sup>

E o texto da *Regra bulada* tem a sua origem no texto da *Regra não bulada*, a qual destaca o modelo de Jesus que, como servo dos seus discípulos, lhes lava os pés:

“E a nenhum (dos ministros) se chame prior, mas a todos sem exceção se chame irmãos menores. *E lavem os pés uns aos outros*”.<sup>6</sup>

As relações são as do serviço, estando dispostos a abaixar-se e a lavar os pés uns aos outros.

A terceira é o modelo do servo: *o Senhor que se humilha cada dia*.

---

<sup>5</sup> Rb 10, 5-6.

<sup>6</sup> Rnb 6, 2-4.

«Eis que ele se humilha cada dia, como quando baixou do *seu trono real* (Sb 18, 15), a tomar carne no seio da Virgem; cada dia vem até nós em aparências de humildade; cada dia desce do seio do Pai, sobre o altar, para as mãos do sacerdote.»<sup>7</sup>

Na Eucaristia acontece cada dia o movimento de abaixamento daquele que assumiu sobre si a condição de servo. A humildade de Cristo, que se visibiliza cada dia no pão e no vinho constitui a medida do seu ser servo de misericórdia.

Jesus é o modelo de servo, que devemos seguir e imitar, como fez Francisco de Assis. Vêmos Jesus completamente imerso e ao serviço da vontade do Pai, a ponto de dizer: «*o meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e consumir a sua obra.*» (Jo 4, 34). Mas Ele não é apenas um Filho obediente ao Pai; Ele é um Deus que se faz servo! Como muito bem diz Paulo, na carta aos Filipenses, «*Ele, que é de condição divina, não considerou como uma usurpação ser igual a Deus; no entanto, esvaziou-se a si mesmo, tomando a condição de servo. Tornando-se semelhante aos homens e sendo, ao manifestar-se, identificado como homem, rebaixou-se a si mesmo, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz.*» (Fil 2, 6-8).

Jesus *tomou a condição de servo*, realizando em si o destino e a missão descrita pelo Dêutero-Isaías em quatro oráculos (poemas ou cânticos) sobre o Servo de Javé: 42, 1-4; 49,1-6; 50,4-11; 52,13-53,12. Não é fácil identificar esta figura, que tanto pode referir-se ao próprio profeta, como ao Israel histórico, ou até ao Israel ideal. Mas, o que é certo é que o Novo Testamento identifica-o com Jesus Cristo, associando mormente o último oráculo com o Cristo da Paixão. De facto, tomando a condição de servo, Jesus *rebaixou-se a si mesmo, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz*. Vêmo-l'O assim rebaixado, inclinado, a lavar os pés aos discípulos, que era um trabalho que só os servos deviam fazer, e não Ele, a quem chamavam, com verdade, Senhor e Mestre. Mas, além e para além do exemplo de humildade e serviço, que devemos imitar, Ele dava um significado muito profundo aos acontecimentos trágicos da sua paixão e morte, como *serviço obediente até à morte e morte de Cruz*.

Para além do exemplo e do ensinamento que nos deixa de nos pormos ao serviço uns dos outros, Jesus exorta-nos também vivamente a descer dos nossos tronos de grandeza e poder. Em resposta ao pedido da mãe dos filhos de Zebedeu, Jesus aproveita para ensinar outras atitudes e caminhos bem diferentes: «*Sabeis que os chefes das nações as governam como seus senhores, e que os grandes exercem sobre elas o seu poder. Não seja assim entre vós. Pelo contrário, quem entre vós quiser fazer-se grande, seja o vosso servo; e quem no meio de vós quiser ser o primeiro, seja vosso servo. Também o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida para resgatar a multidão.*» (Mt 20, 25-28).

**4. Passados 360 anos da fundação** desta Venerável Ordem Terceira de São Francisco, as Irmãs e os Irmãos professos da Fraternidade Franciscana Secular (assim se chama hoje, sem perder nada da sua venerabilidade – bem pelo contrário!), devem avivar a consciência de dever continuar a servir o Senhor na “docilidade ao Espírito e à sua santa atuação”. É Ele, no querer de São Francisco, o Ministro geral das nossas Ordens. Quer dizer que devemos deixar-nos continuar a conduzir por Ele e à maneira de Ele atuar e determinar o

---

<sup>7</sup> Exortações 1, 16-18.

nosso modo de ser franciscanos. Este modo de ser tem **por detrás um carisma** que não começou com a minha pessoa, e, por isso mesmo, tive de ser iniciado e integrado neste dom suscitado pelo Espírito de Deus, recebendo, assim, um património que me precedeu e deverei transmitir a outros. Bem consciente de que não sou *dono*, mas apenas *depositário*. E depositário de um carisma bem específico, o carisma franciscano. Lemos nas Constituições gerais da OFS que entre as muitas famílias espirituais que existem na Igreja “enumera-se a Família Franciscana que, nos seus vários ramos, reconhece como pai, inspirador e modelo São Francisco de Assis”<sup>8</sup>. E dentro da Família Franciscana, “a Ordem Franciscana Secular tem um lugar próprio”<sup>9</sup>, marcado sobretudo pela índole secular que caracteriza a espiritualidade e a vida apostólica dos seus membros<sup>10</sup>, cuja “vocação consiste em viver o Evangelho em comunhão fraterna” no seio de “comunidades eclesiais que se chamam Fraternidades”<sup>11</sup>.

Celebrar um passado tão glorioso de serviço dedicado aos mais pobres e desfavorecidos deve levar as Irmãs e os Irmãos de hoje a renovar o seu empenho de continuar a servir os irmãos. **Servir os outros, e não ser servidos.** Como Jesus, que «não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida» (Mt 20, 28; Mc 10, 45), e nos deu o exemplo e o mandamento de lavar os pés uns aos outros (cf. Jo 13, 14). Vale a pena recordar aqui as palavras do Papa Francisco aos sacerdotes, religiosos e seminaristas em Nairobi: «(...) Houve um retiro de sacerdotes (...) e durante aquele retiro, diariamente, havia um grupo de sacerdotes que tinha de servir à mesa. Alguns deles lamentaram-se: “Não está certo! Devíamos ser servidos! Nós pagamos, podemos pagar para que nos sirvam.”. Por favor, que isto nunca aconteça na Igreja! Servir. Não servir-se dos outros, mas servir.»<sup>12</sup>

Este serviço aos outros, nas Instituições desta Venerável Ordem toca muito particularmente o bem a fazer-lhes mediante **a prática das obras de misericórdia**, tanto corporais como espirituais. O bispo São Gregório de Nazianzo, numa das suas homilias, diz: «*Nem sequer a noite interrompa as tuas obras de misericórdia. Não digas: Vai e volta, e amanhã te darei o que pedes. Não ponhas intervalo algum entre o teu bom propósito e o seu cumprimento. Só a prática do bem não admite adiamento. (...) Visitemos a Cristo, alimentemos a Cristo, tratemos as feridas de Cristo, vistamos a Cristo, recebamos a Cristo, honremos a Cristo (...), de modo que, ao sairmos deste mundo, sejamos recebidos nas moradas eternas pelo mesmo Cristo, Nosso Senhor.*» No serviço aos mais desfavorecidos nunca deve esquecer-se esta motivação profunda, este critério evangélico, porque a Venerável Ordem não é uma empresa, nem uma ONG, mas uma Fraternidade de Irmãs e Irmãos que, deste modo, participam na missão da Igreja.

Celebrar esta efeméride às portas do encerramento dum Ano Missionário, proclamado pelos nossos bispos de Portugal, e no início do Mês Missionário Extraordinário, decretado pelo papa Francisco, deve estimular esta Venerável Ordem a ser hoje uma Fraternidade Franciscana Secular que se sente **parte ativa na missão da Igreja**. Porque “todos, tudo e sempre em missão!”, cabe-lhe a sua parte de resposta aos insistentes apelos do papa Francisco, que não perde nenhuma ocasião para nos motivar a ser hoje “Igreja em saída”, a deixar as nossas “zonas de conforto” e a ir para as periferias, que hoje são mais existenciais que geográficas. Sabendo que a missão – esclarece o Papa Francisco –, «não é uma parte da minha vida, ou um ornamento que posso pôr de lado; não é um apêndice ou um momento entre tantos outros da minha vida. É algo que não posso arrancar do meu

<sup>8</sup> *Constituições OFS*, Art.1º, 2.

<sup>9</sup> *Constituições OFS*, Art.1º, 3.

<sup>10</sup> Cf. *Constituições OFS*, Art.3º, 2.

<sup>11</sup> *Constituições OFS*, Art.3º, 3.

<sup>12</sup> Revista *Vida Consagrada* nº394, p.388.

ser, se não me quero destruir. Eu *sou uma missão* nesta terra, e para isso estou neste mundo. É preciso considerarmo-nos como que marcados a fogo por esta missão de iluminar, abençoar, vivificar, levantar, curar, libertar. Nisto se revela a enfermeira autêntica, o professor autêntico, o político autêntico, aqueles que decidiram, no mais íntimo do seu ser, estar com os outros e ser para os outros.»<sup>13</sup>

Uma marca, muito franciscana, que deve continuar a brilhar nesta Venerável Ordem e no seu serviço dedicado aos pobres e desfavorecidos é **a alegria**. Servimos o Senhor e os irmãos como servos, mas não na servidão nem de forma escravizante, não como criados que se lamentam de não ter tido melhor sorte. Ao contrário, servimos o Senhor na alegria e testemunhando uma vida feliz e realizada. Parafraseando as palavras do Papa Francisco, na Carta Apostólica às pessoas consagradas, podemos dizer que «onde estão os franciscanos, há alegria». E na *Evangelii Gaudium*, o Papa diz que são esses homens e mulheres que a Igreja precisa para «uma estação evangelizadora mais ardorosa, alegre, generosa, ousada, cheia de amor até ao fim e feita de vida contagiante!»<sup>14</sup>. Pois «uma pessoa que não está convencida, entusiasmada, segura, enamorada, não convence ninguém.»<sup>15</sup>. Na *Evangelii Gaudium*, o Papa fala da «psicologia do tórumo, que pouco a pouco transforma os cristãos em múmias de museu, faz com que vivam constantemente tentados a apegar-se a uma tristeza melosa, sem esperança»<sup>16</sup> «e viverem numa sensação de derrota que os transforma em pessimistas lamurientos e desencantados com cara de vinagre.»<sup>17</sup>. Quem serve o Senhor e os irmãos, particularmente os mais desfavorecidos, «não deveria ter constantemente uma cara de funeral»<sup>18</sup>, nem realizar as tarefas que lhe estão confiadas «como uma obrigação pesada, que quase não se tolera ou se suporta como algo que contradiz as nossas próprias inclinações e desejos»<sup>19</sup>. Se assim fosse, seria muito mau o serviço que prestamos.

Finalmente, a evocação destes 360 anos de serviço dedicado aos pobres e desfavorecidos deve levar as Irmãs e os Irmãos desta Fraternidade Franciscana Secular a uma **atitude de comprometida ação de graças**. Por tanto bem realizado, por tantas vidas entregues com tanta generosidade ao serviço dos outros, sobretudo os mais pobres, louvemos o *Altíssimo, Onnipotente e Bom Senhor*. Mas, como nos avisa São Francisco, numa das Exortações, não podemos ser daqueles que «*só de contar e pregar o que eles (os santos) fizeram, já daí queremos receber honra e glória*»<sup>20</sup>. Por isso, sejam as Irmãs e Irmãos desta Venerável Ordem Terceira de São Francisco dignos continuadores de obra tão agradável aos olhos de Deus e de tanto benefício, material e espiritual, para tantos irmãos nossos que esperam que com eles *usemos de misericórdia*, como o nosso Pai São Francisco o fez com os leprosos, vivendo no meio deles e pondo-se ao seu serviço.

Frei Fernando Alberto, OFMCap  
(Presidente da Família Franciscana Portuguesa)

---

<sup>13</sup> *Evangelii gaudium* n.273.

<sup>14</sup> *Evangelii gaudium* n.261.

<sup>15</sup> *Evangelii gaudium* n.266.

<sup>16</sup> *Evangelii gaudium* n.83.

<sup>17</sup> *Evangelii gaudium* n.85.

<sup>18</sup> *Evangelii gaudium* n.10.

<sup>19</sup> *Evangelii gaudium* n.261.

<sup>20</sup> *Exortações* 6, 3.